BOLETIM DE CARGA MENSAL

SETEMBRO/2026

Operador Nacional do Sistema Elétrico

EVOLUÇÃO DA CARGA NO SISTEMA INTERLIGADO NACIONAL E SUBSISTEMAS

1.1. Sistema Interligado Nacional

A carga de energia do SIN verificada no mês de setembro/26 apresentou avanço de 4,3% em relação ao valor verificado em setembro/25. Com relação ao mês de agosto/26, observou-se avanço de 0,5%. No acumulado dos últimos 12 meses, a carga do SIN apresentou variação positiva de 3,0% em relação ao mesmo período anterior, tendo a taxa de crescimento avançado em 0,4 p.p. com relação a variação com 12 meses findos em agosto. No acumulado do ano, a carga de energia do SIN avançou 3,2% com relação ao mesmo período de 2025, resultando em uma carga de 84.147 MW médios.

A Tabela 1, a seguir, apresenta os dados de carga e as variações percentuais com destaque para as taxas de crescimento da carga ajustada (*) em relação ao mesmo mês do ano anterior, onde são excluídos os efeitos de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga.

Tabela 1 – Evolução da carga

SUBSISTEMAS	Set/26 (MWmédio)	Variação %				
		Set-26 /Set-25	Set-26/Set-25 ajustado(1)	Set-26 /Ago-26	Acumulado do ano(2)	Acumulado 12 meses(3)
SIN	84.021	4,3%	3,9%	0,5%	3,2%	3,0%
SE/CO	46.122	2,5%	2,1%	-0,3%	1,9%	1,6%
Sul	13.843	3,9%	4,6%	-3,4%	3,0%	3,2%
Nordeste	14.458	7,8%	7,0%	5,5%	5,5%	5,0%
Norte	9.598	8,8%	6,9%	3,5%	7,4%	7,6%

(1) Exclui o efeito de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga.
(2) Cresc. acum. do Ano (Jan/26-Set/26) /(Jan/25-Set/25)
(3) Cresc. acum. De 12 meses (Ago/25 -Set/26) /(Ago/24- Set/25)

Obs.: O detalhamento por classe de consumo encontra-se informado na Resenha de Mercado da EPE do mês de setembro/26.

DESTAQUES: Em setembro

- Avanço de 4,3% na carga do SIN, em relação a setembro/25.
- Monitor do PIB da FGV avançou 0,5% na margem e 1,8% com relação a agosto/25.
- O Índice de Incerteza Econômica, da FGV, recuou 0,9 pontos.
- O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da FGV, recuo de 2,4 pontos.
- O Índice de Confiança dos Serviços (ICS) da FGV recuo de 0,9 pontos.
- A confiança dos consumidores (ICC) da FGV recuou 0,5 pontos.
- O índice de Confiança do Comércio (ICOM) da FGV recuo de 2,9 pontos.
- Taxa de desocupação de 5,3% no trimestre findo em agosto.

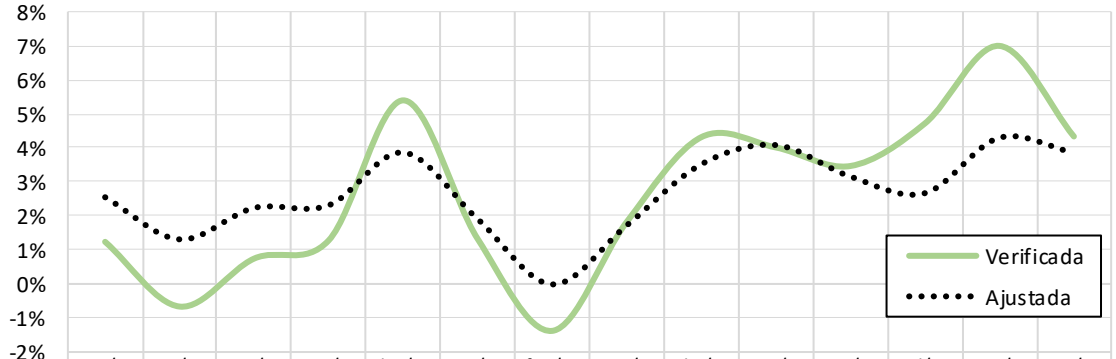
A variação positiva de 3,9% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto de 0,5 p.p. sobre desempenho da carga do SIN, sendo o resultado fortemente influenciado pela ocorrência de temperaturas máximas entre a média e superiores a média mensal nos subsistemas Nordeste e Norte e, contrabalançado pela ocorrência de temperaturas inferiores à média em algumas capitais que compõem o subsistema Sudeste/Centro-Oeste e no subsistema Sul. Cabe destacar também, a ocorrência

do feriado de 7 de setembro (segunda-feira), que resultou em um feriado prolongado no início do mês, impactando negativamente na carga.

O Gráfico 1, a seguir, apresenta uma comparação entre as taxas de variação da Carga Verificada e da Carga Ajustada do SIN.

Gráfico 1: SIN

(variação da carga em relação ao ano anterior)

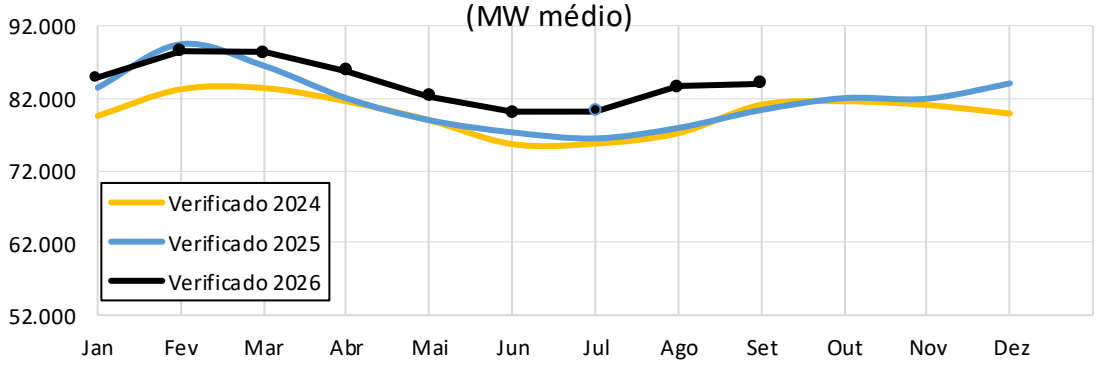


	ago/25	set/25	out/25	nov/25	dez/25	jan/26	fev/26	mar/26	abr/26	mai/26	jun/26	jul/26	ago/26	set/26
Verificada	1,2%	-0,7%	0,7%	1,3%	5,4%	1,3%	-1,4%	1,8%	4,3%	4,0%	3,5%	4,7%	7,0%	4,3%
Ajustada	2,5%	1,3%	2,2%	2,3%	3,9%	1,9%	0,0%	1,7%	3,5%	4,1%	3,2%	2,7%	4,3%	3,9%

O comportamento da carga de energia do SIN ao longo do ano pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2: SIN - Carga de energia

(MW médio)



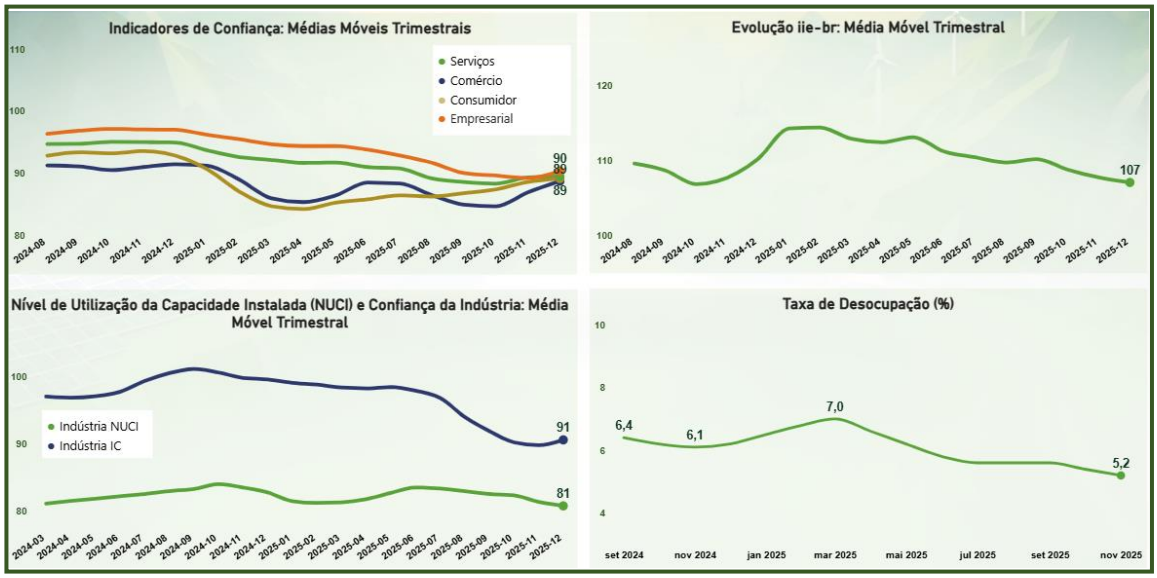
O Quadro 1 mostra que, em setembro, houve queda generalizada da confiança entre todos os setores pesquisados pela FGV: consumidor, indústria, serviços, comércio e construção. Com isso, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) da FGV recuou 1,2 pontos, atingindo 89,3 pontos, correspondendo a terceira queda consecutiva do índice. Segundo a FGV, esse resultado decorre, principalmente, da deterioração das expectativas, com piora tanto das projeções da demanda nos próximos três meses quanto da situação dos negócios para os próximos seis meses. A maior cautela das empresas e a expectativa de continuidade do processo de desaceleração da atividade econômica advém da combinação de demanda mais fraca, do acúmulo de estoques na indústria e do elevado comprometimento da renda das famílias. Em contrapartida, o Indicador de Incerteza da Economia (IIE-Br) recuou 0,9 pontos (para 110,8 pontos), mas ainda segue moderadamente elevado. A queda do índice reflete a menor dispersão das projeções de mercado, sobretudo para a inflação.

No que tange ao comportamento da confiança setorial, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) recuou 0,5 pontos, alcançando 84,2 pontos, atingindo seu menor nível desde novembro de 2022 e correspondendo a quinta queda consecutiva do índice. O resultado é reflexo da piora das expectativas, sendo a variação heterogênea entre as faixas de renda, com melhora no índice somente para as famílias de menor renda. Para a FGV, não se vislumbra retomada na confiança do consumidor nos próximos meses, visto que as condições financeiras das famílias tendem a se manter como a situação atual, de altos níveis de endividamento e inadimplência. A confiança da indústria recuou 2,4 pontos (alcançando 91,3 pontos), sendo a terceira retração

consecutiva, com piora disseminada em 16 dos 19 segmentos pesquisados. Comportamento análogo foi observado nas médias móveis trimestrais, com recuo 2,9 pontos. De acordo com a FGV, mesmo com a resiliência do mercado de trabalho e as políticas de estímulo setoriais adotadas pelo governo, a junção da política monetária ainda em nível restritivo e o ambiente de incerteza eleitoral segue como limitador de uma recuperação do setor. A confiança da construção também recuou 1,4 ponto, passando para 90,5 pontos, como reflexo de uma piora das expectativas no setor. Para a FGV, as empresas estão mais cautelosas em relação à demanda futura e menos otimistas quanto à expansão do emprego, embora a escassez de trabalhadores qualificados continue sendo a principal limitação ao crescimento dos negócios. A confiança dos serviços e do comércio recuou 0,9 pontos e 2,9 pontos, estando agora em 88,1 pontos e 81,3 pontos, respectivamente. Nos serviços, a queda foi disseminada entre todos os segmentos, o que pode indicar um processo de desaceleração do setor no final do ano, como consequência do arrefecimento do mercado de trabalho e da redução do crédito, devido ao ambiente de juros reais mais restritivos. Para o comércio, o índice alcançou o menor patamar desde março de 2021, com o encerramento do terceiro trimestre em um ambiente desafiador. De acordo com a FGV, mesmo com mercado de trabalho aquecido e a trajetória de queda dos juros, persiste o elevado comprometimento da renda das famílias, o que conjugado aos altos níveis de endividamento e de inadimplência, tende a limitar a capacidade de consumo das famílias.

No mercado de trabalho, os dados mais recentes da PNAD Contínua mostram uma taxa de desocupação de 5,2% no trimestre encerrado em setembro, uma redução de 0,4 p.p. em relação ao mesmo período de 2025. A população ocupada cresceu 1,2% no trimestre, compreendendo 103,6 milhões de pessoas. Já o rendimento médio real habitual alcançou R$ 3.790 reais. Segundo o CAGED, em setembro, foram criados 121,3 mil empregos formais, com destaque para o setor de serviços, com a criação de 81,2 mil vagas. Esse resultado é 43,5% inferior ao registrado no mesmo mês do ano anterior, indicando desaceleração no ritmo das contratações. No acumulado do ano, foram criados 1,25 milhões de empregos formais, correspondendo a uma retração de 27,9% quando comparado com setembro de 2025.

Quadro 1 – Indicadores de Confiança da Economia Real e Utilização da Capacidade Instalada (FGV)

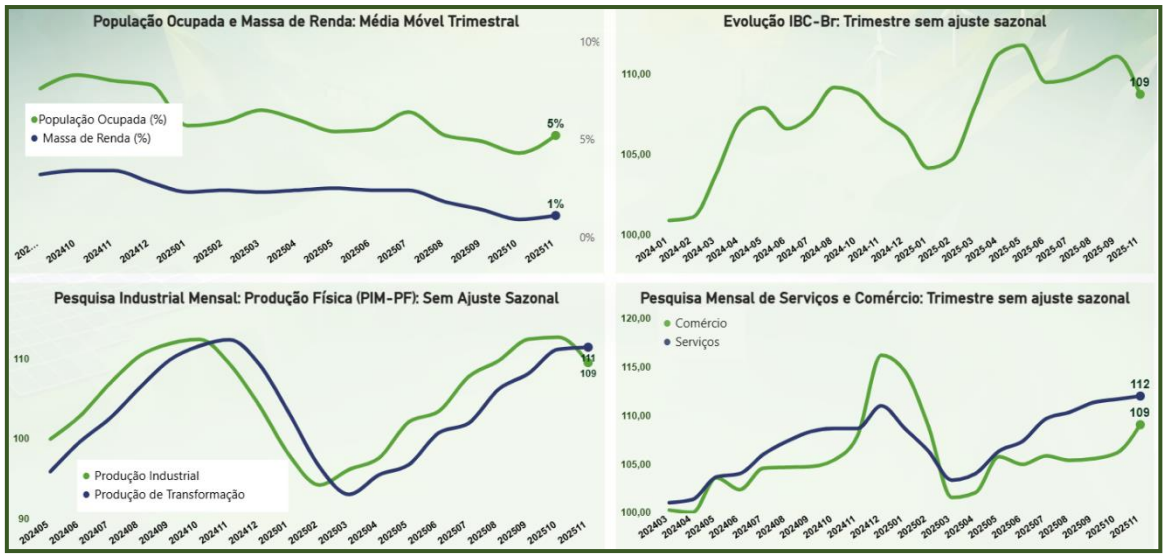


O Quadro 2 reúne indicadores de atividade econômica e mercado de trabalho acompanhados por IBGE, FGV e Banco Central. Quanto à atividade econômica, o Monitor do PIB aponta crescimento de 0,5% em agosto/26 em relação a julho/26, revertendo as taxas negativas observadas nos dois meses anteriores. O IBC-Br também indica avanço, no entanto, mais moderado (de 0,3%). Interanualmente, ambos os indicadores registram alta, sendo de 1,5% para o Monitor do PIB e de 1,2% para o IBC-br. No acumulado de 12 meses, o avanço estimado é de 1,8% para a FGV e de 1,6% para o Banco Central. Por fim, no acumulado do ano, o IBC-Br aponta crescimento de 1,55%. A FGV, sob a ótica da demanda, destaca a contribuição positiva do consumo do governo e a desaceleração registrada no consumo das famílias, que apresentou crescimento de somente 0,4% no trimestre findo em agosto. Sob a ótica da oferta, o destaque segue sendo a indústria extrativa e a continuidade a expansão observada no setor de serviços, corroborado pelos dados de criação de vagas formais (CAGED). Segundo a instituição, a economia brasileira tem demonstrado capacidade de recuperação e resiliência, mesmo em um ambiente de inflação persistente e política monetária contracionista.

Os resultados da atividade econômica setorial (PMC, PIM-PF e PMS) apontam estabilidade relativa no setor de serviços (suave retração de 0,1% na margem e avanço de 0,6% em relação a agosto/25) e no comércio (suave avanço de 0,1% na margem e de 0,4% em relação a agosto/25), além de retração no setor industrial (com queda de 0,6% na margem e de 1,2% em relação a agosto/25). A queda na indústria, de acordo com informações do IBGE, foi disseminada entre os ramos de atividade (atingindo 16 dos 25 ramos) e pressionada pelos bens de consumo. A retração de 3,4% entre os meses de maio e agosto reforçam a percepção de perda de tração da atividade, com as elevadas taxas de juros encarecendo o crédito e reduzindo a capacidade de investimentos do setor. No comércio, os ramos mais dependentes do crédito recuaram em face as taxas de juros elevadas e nos serviços somente as atividades turísticas e os serviços prestados às famílias apresentaram alta

Em síntese, os indicadores de produto e renda sugerem uma economia que começa a dar sinais de perda de tração, com os grandes setores apresentando estabilidade ou retração, ainda como reflexo da política monetária contracionista e do ambiente de incerteza. No entanto, o consumo das famílias e os serviços prestados às famílias demonstram retomada.

Quadro 2 – Indicadores de Produto e Renda



O Quadro 3 apresenta a evolução dos principais indicadores financeiros em setembro de 2026. O risco-país, medido pelo CDS de 5 anos, recuou ao longo do mês e oscilou na faixa de 110 a 120 pontos-base, abaixo do patamar de cerca de 127 pontos registrado em agosto. A melhora refletiu o ciclo de cortes da Selic e a maior procura por ativos brasileiros na reta final da campanha eleitoral.

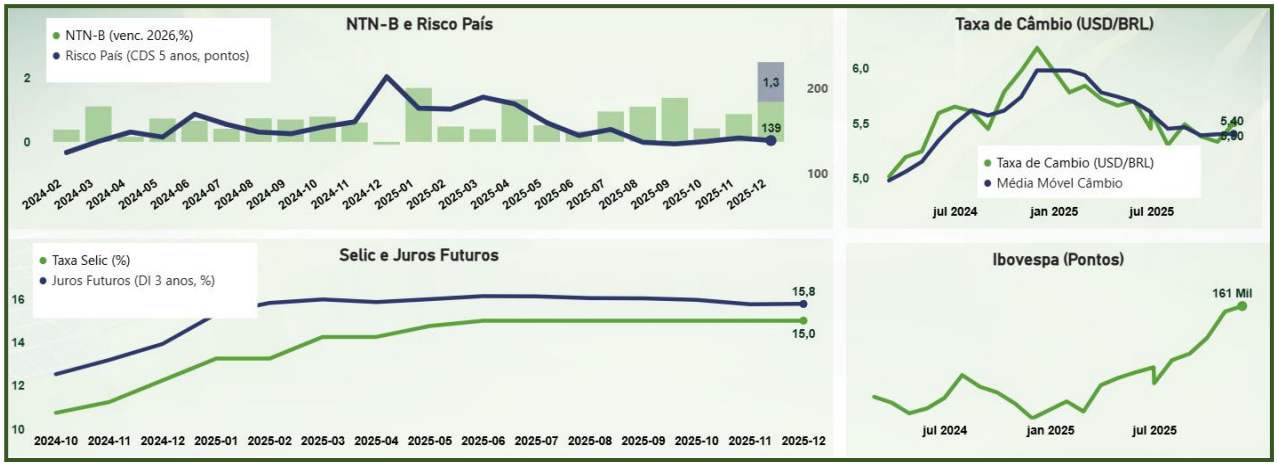
No mercado cambial, as séries oficiais do Banco Central (PTAX) indicam que o dólar comercial encerrou o mês de setembro em R$ 5,18, praticamente no mesmo nível do início do mês. Ainda assim, a moeda oscilou bastante: chegou perto de R$ 5,08 na primeira metade do mês, voltando a ser pressionada pelas tensões no Oriente Médio, pela alta do petróleo e pelo cenário eleitoral na segunda metade do mês. O dólar, voltar a recuar no último pregão, após a divulgação de uma inflação norte-americana mais branda.

No âmbito da política monetária, o Comitê de Política Monetária (Copom) reduziu a taxa Selic em 0,25 p.p., de 14% para 13,75% ao ano, correspondendo ao quinto corte consecutivo, conforme comunicado oficial do Banco Central do Brasil (BCB). O comitê manteve a postura de cautela, já que o ambiente externo segue incerto por causa da indefinição sobre os conflitos no Oriente Médio e devido a fatores como a política monetária adotada pelas economias avançadas, os impactos do fenômeno do *El Niño* e o risco existente de desancoragem das expectativas domésticas.

No mercado de juros, as taxas futuras recuaram. O DI para janeiro de 2029 fechou o mês ao redor de 13,79% ao ano, queda de cerca de 40 pontos-base em relação a agosto, segundo as informações divulgadas pela B3 em seus canais de dados de mercado. Em conjunto, esses sinais seguem compatíveis com um cenário em que a política monetária permanece restritiva, embora em flexibilização gradual, e o mercado continua monitorando a convergência da inflação e o balanço de riscos.

Por fim, o mercado acionário teve forte alta em setembro. O Ibovespa encerrou o mês em torno de 186,3 mil pontos, com valorização de 5,03%, o melhor desempenho mensal desde janeiro, conforme as estatísticas históricas disponibilizadas pela B3. No terceiro trimestre, o índice acumulou alta de 8,32%, impulsionado pelo fluxo de capital estrangeiro e pelo otimismo com o cenário externo.

Gráfico 3 – Indicadores Financeiros



1.2. Subsistema Sudeste/Centro-Oeste

Para o subsistema Sudeste/Centro-Oeste, a carga de energia verificada no mês de setembro/26 apresentou avanço de 2,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (agosto/26), verificou-se retração de 0,3%. Em setembro, no acumulado de 12 meses, o subsistema Sudeste/Centro-Oeste apresentou avanço de 1,6% em relação ao mesmo período anterior, tendo a taxa de crescimento avançado em 0,5 p.p. com relação a variação com 12 meses findos em agosto. No acumulado do ano, a carga de energia do subsistema avançou 1,9% com relação ao mesmo período de 2025, resultando em uma carga de 46.548 MW médios.

Das condições climáticas para o subsistema, destaca-se a ocorrência de precipitação superior à média mensal em todos os estados que compõem o subsistema, oriundo do avanço frequente de frentes frias e atuação de áreas de instabilidade. Importante destacar que esse mês de setembro foi o mais chuvoso dos últimos 17 anos, com a Região Sudeste registrando 18 dias chuvosos. Como consequência, registram-se temperatura máxima inferior à média em São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e no Mato Grosso. Especialmente, a Região Sudeste observou-se médias das temperaturas máximas menores que as registradas no mês de agosto. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, São Paulo, Rio de Janeiro, Campo Grande e Cuiabá registraram temperaturas inferiores às observadas em setembro de 2025.

O avanço de 2,1% na carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos tiveram impacto de 0,4 p.p. sobre desempenho da carga do subsistema, tendo como destaque a ocorrência de temperatura máxima inferior á média em duas capitais chave para o subsistema e estabilidade para as demais. A ocorrência do feriado do dia da Independência do Brasil (07 de setembro, segunda-feira) também contribui para o resultado.

O comportamento da carga de energia do subsistema Sudeste/Centro-Oeste bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3: SE/CO - Carga de energia

(MW médio)

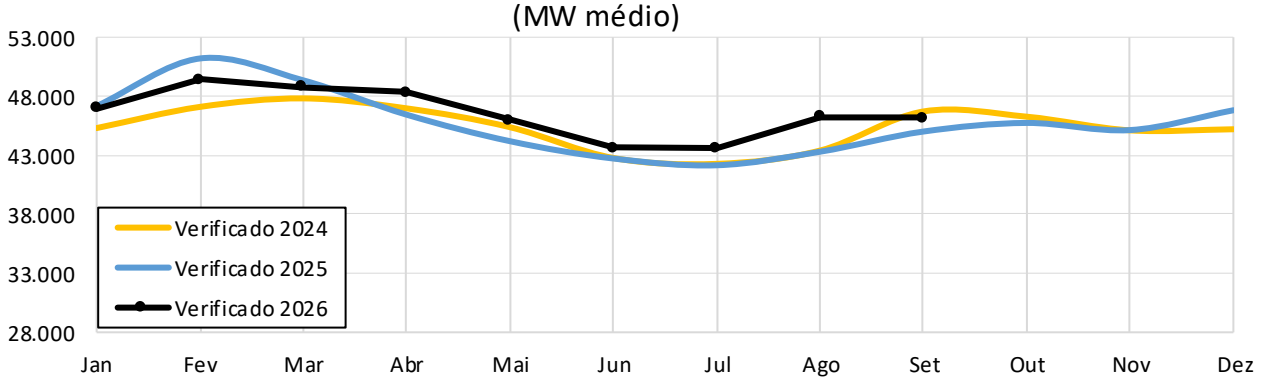
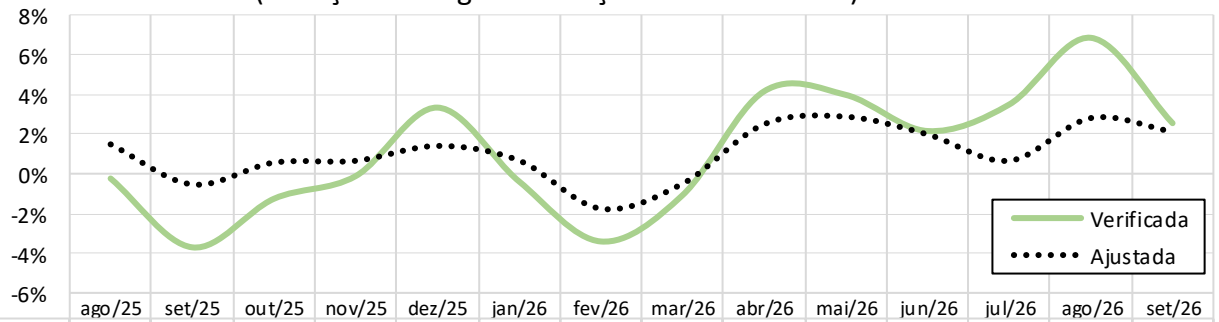


Gráfico 4: Subsistema SE/CO

(variação da carga em relação ao ano anterior)



	ago/25	set/25	out/25	nov/25	dez/25	jan/26	fev/26	mar/26	abr/26	mai/26	jun/26	jul/26	ago/26	set/26
Verificada	-0,2%	-3,7%	-1,3%	-0,1%	3,3%	-0,4%	-3,4%	-1,1%	4,2%	4,0%	2,1%	3,5%	6,8%	2,5%
Ajustada	1,5%	-0,5%	0,6%	0,6%	1,4%	0,7%	-1,8%	-0,5%	2,5%	2,9%	2,0%	0,7%	2,8%	2,1%

1.3. Subsistema Sul

Para o subsistema Sul, a carga de energia verificada no mês de setembro/26 apresentou avanço de 3,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (agosto/26), verificou-se retração de 3,4%. Em setembro, no acumulado de 12 meses, o subsistema apresentou avanço de 3,2% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo, assim, avançado 1,1 p.p. com relação a variação com 12 meses findos em agosto. No acumulado ano, a carga de energia do subsistema apresentou crescimento de 3,0% em relação ao mesmo período de 2025, resultando em uma carga de 15.111MW médios.

Das condições climáticas para o subsistema, destaca-se a ocorrência de precipitação superior à média mensal em todos os estados que compõem o subsistema, oriundo do avanço frequente de frentes frias. Importante destacar que esse mês de setembro foi o mais chuvoso dos últimos 17 anos, com a Região Sul registrando 16 dias chuvosos, como consequência da incursão de massas de ar frio conjugadas a maior atividade dos sistemas frontais. Com isso, foram registradas anomalias negativas de temperatura máxima na Região Sul e inferiores as observadas no mês de agosto. Também em relação ao mesmo mês do ano anterior, observam-se temperaturas levemente inferiores.

Tem-se então que o avanço de 4,6% da carga ajustada indica que os efeitos fortuitos tiveram impacto de -0,7 p.p. no desempenho da carga devido à observação de média das temperaturas máximas inferiores às esperadas para essa época do ano e acumulado de precipitação superior à média mensal. Cabe ressaltar também, que a ocorrência do feriado da Independência do Brasil (7 de setembro, segunda-feira), resultou em um feriado prolongado no início do mês, intensificou o efeito das anomalias de temperatura e precipitação.

O comportamento da carga de energia do subsistema Sul bem como as taxas de variação da Carga Verificada e da Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 5 e 6.

Gráfico 5: Sul - Carga de energia

(MW médio)

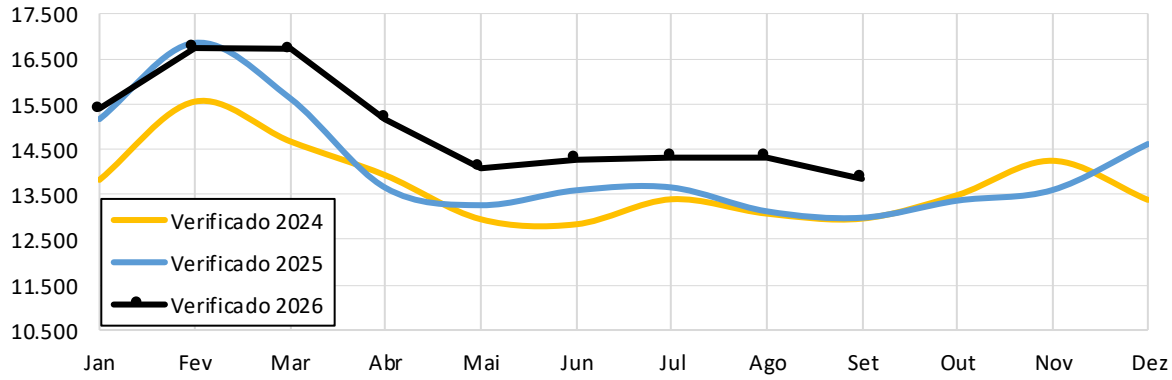
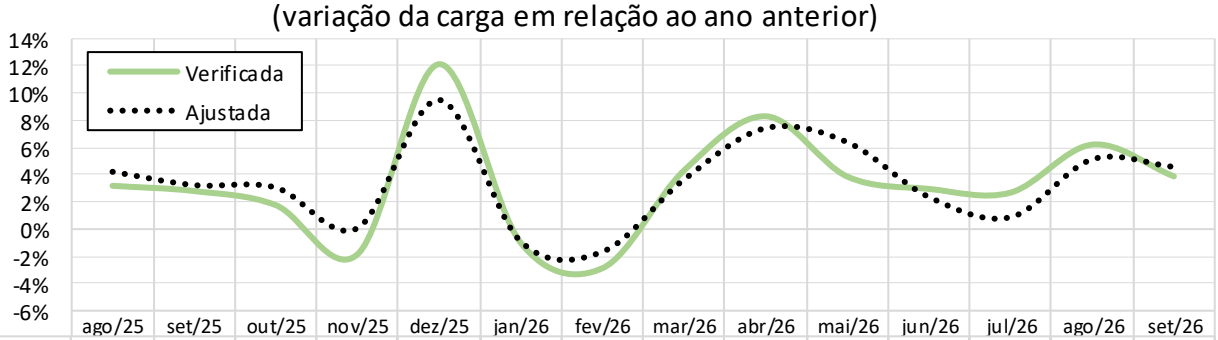


Gráfico 6: Subsistema Sul

(variação da carga em relação ao ano anterior)



	ago/25	set/25	out/25	nov/25	dez/25	jan/26	fev/26	mar/26	abr/26	mai/26	jun/26	jul/26	ago/26	set/26
Verificada	3,2%	2,8%	1,8%	-1,9%	12,1%	-1,0%	-2,9%	4,3%	8,3%	3,9%	3,0%	2,7%	6,2%	3,9%
Ajustada	4,2%	3,2%	3,1%	0,1%	9,5%	-0,9%	-1,7%	3,6%	7,4%	6,4%	2,4%	0,9%	5,1%	4,6%

1.4. Subsistema Nordeste

A carga de energia verificada no mês de setembro/26 apresentou avanço de 7,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (agosto/26), verificou-se avanço de 5,5%. No acumulado de 12 meses, o subsistema apresentou avanço de 5,0% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo, assim, mantido a mesma taxa de crescimento em relação a variação com 12 meses findos em agosto. No acumulado do ano, a carga de energia do subsistema cresceu 5,5% com relação ao mesmo período de 2025, resultando em uma carga de 13.940 MW médios.

Das condições meteorológicas para o subsistema, observou-se, em setembro, temperatura máxima superior à média esperada para o mês e acumulado de precipitação entre média e abaixo da média esperada. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, a temperatura se manteve estável em grande parte das capitais que compõem o subsistema, tendo Salvador e Recife registrado temperaturas levemente superiores as de 2025.

O avanço de 7,0% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos impactaram no desempenho da carga desse subsistema em 0,8 p.p., sendo o resultado influenciado pela ocorrência de temperatura máxima superior à média mensal e acumulado de precipitação entre a média e abaixo da média. Ademais disso, o feriado da Independência do Brasil (7 de setembro, segunda-feira), contribui, positivamente, para o resultado.

O comportamento da carga de energia do subsistema Nordeste bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 7 e 8.

Gráfico 7: Nordeste - Carga de energia

(MW médio)

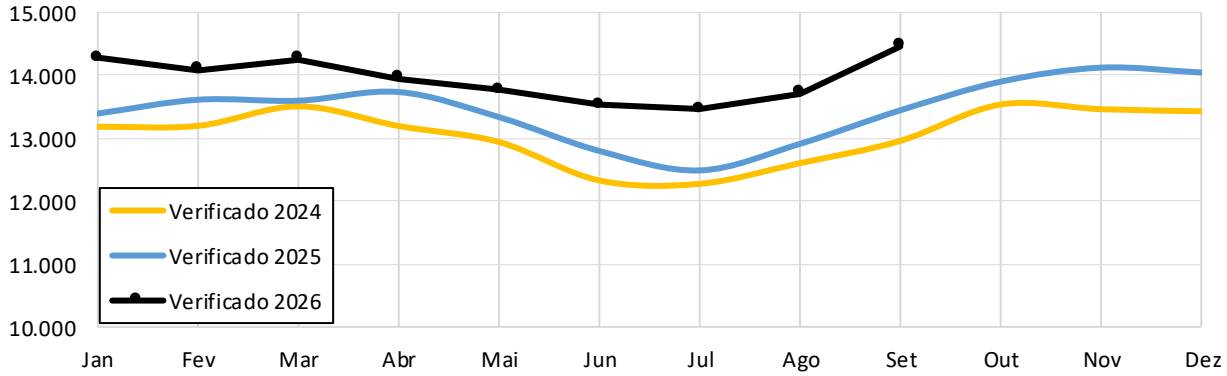
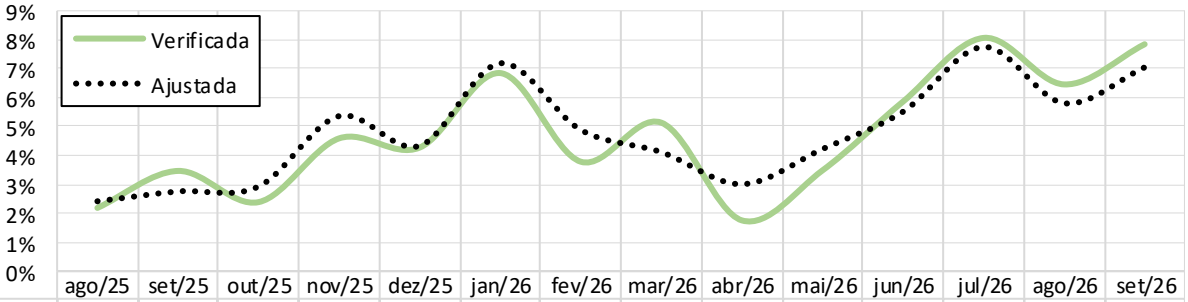


Gráfico 8: Subsistema Nordeste

(variação da carga em relação ao ano anterior)



	ago/25	set/25	out/25	nov/25	dez/25	jan/26	fev/26	mar/26	abr/26	mai/26	jun/26	jul/26	ago/26	set/26
Verificada	2,2%	3,5%	2,4%	4,6%	4,3%	6,8%	3,8%	5,1%	1,8%	3,5%	5,9%	8,1%	6,5%	7,8%
Ajustada	2,4%	2,8%	2,9%	5,4%	4,3%	7,2%	4,9%	4,1%	3,0%	4,2%	5,5%	7,8%	5,8%	7,0%

1.5. Subsistema Norte

A carga de energia verificada no mês de setembro/26 apresentou avanço de 8,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com relação ao mês imediatamente anterior (agosto/26), verificou-se avanço de 3,5%. No acumulado de 12 meses, o subsistema apresentou avanço de 7,6% em relação ao mesmo período do ano anterior, tendo, assim, retraído 0,2 p.p. em relação a variação com 12 meses findos em agosto. No acumulado do ano, a carga de energia do subsistema cresceu 7,4% com relação ao mesmo período de 2025, resultando em uma carga de 8.687MW médios.

Das condições meteorológicas para o subsistema, observou-se, em setembro, temperatura máxima entre a média e superior à média mensal e, predomínio, de acumulado de precipitação inferior à média, tendo somente o Amazonas apresentado níveis de precipitação entre a média e superior à média. Quando comparado com setembro de 2025, registraram-se temperaturas estáveis em todas as capitais, exceto em Manaus, onde foi observada temperatura levemente superior às de setembro do ano anterior.

O avanço de 6,9% da carga ajustada, demonstra que os fatores fortuitos impactaram no desempenho da carga desse subsistema em 1,9 p.p., sendo o resultado influenciado pela ocorrência de temperaturas máximas entre a média e superior a média e acumulado de precipitação inferior à média. A ocorrência do feriado da Independência do Brasil (7 de setembro, segunda-feira), mitiga, em certa medida os efeitos da temperatura e da precipitação.

O comportamento da carga de energia do subsistema Norte bem como as taxas de variação da Carga Verificada e Carga Ajustada ao longo do ano, podem ser observadas nos Gráficos 9 e 10.

Gráfico 9: Norte - Carga de energia

(MW médio)

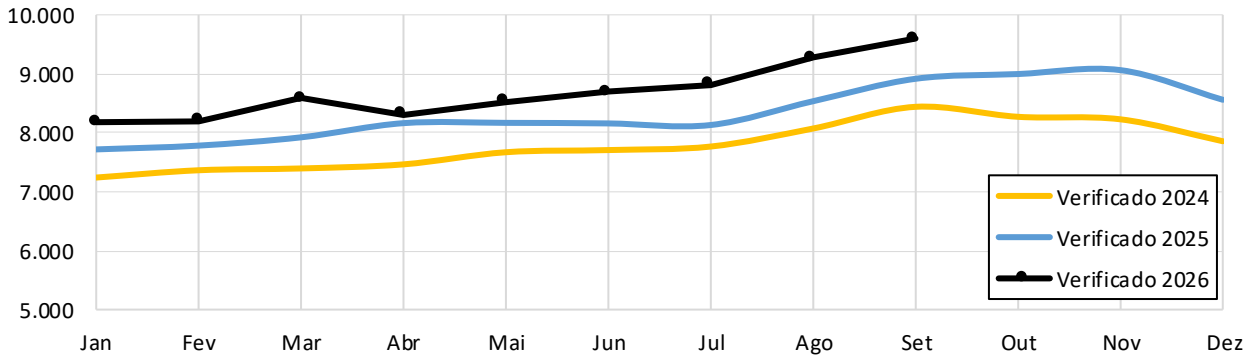
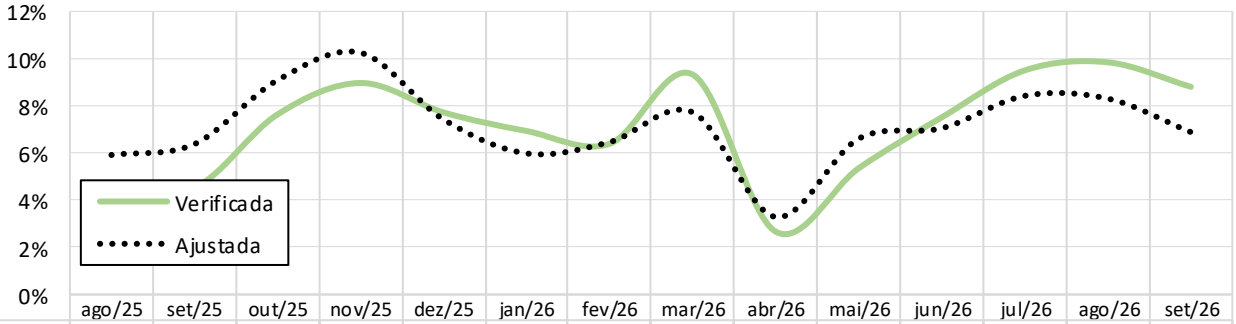


Gráfico 10: Subsistema Norte

(variação da carga em relação ao ano anterior)



	ago/25	set/25	out/25	nov/25	dez/25	jan/26	fev/26	mar/26	abr/26	mai/26	jun/26	jul/26	ago/26	set/26
Verificada	4,5%	4,5%	7,6%	9,0%	7,7%	6,9%	6,4%	9,3%	2,7%	5,4%	7,5%	9,5%	9,8%	8,8%
Ajustada	5,9%	6,4%	9,1%	10,2%	7,4%	6,0%	6,5%	7,7%	3,3%	6,6%	7,0%	8,4%	8,3%	6,9%

Observação:

Carga Ajustada (*)

Os ajustes realizados de forma a excluir o efeito de fatores fortuitos e não econômicos sobre a carga são:

Temperaturas atípicas - a carga ajustada é estimada utilizando as temperaturas típicas para a época do ano em cada subsistema e não as temperaturas efetivamente verificadas. Assim, em um mês excepcionalmente quente a carga ajustada é menor que a carga verificada, o oposto ocorrendo em um mês com temperaturas atipicamente amenas. No momento o efeito da temperatura ainda não está sendo expurgado do Subsistema Norte.

Calendário - a carga ajustada é estimada usando um calendário normalizado. Isto permite compensar as variações no número de dias de carga normalmente baixa (sábados, domingos e feriados) ao longo dos meses, tornando os dados mais facilmente comparáveis.

Perdas na rede básica - as perdas na rede básica são calculadas pelo ONS, decorrem da forma como o sistema é operado, e não têm qualquer implicação econômica. Por isso são excluídas da carga ajustada.

O conteúdo desta publicação foi produzido pelo ONS com base em dados e informações de conhecimento público. É de responsabilidade exclusiva dos agentes e demais interessados a obtenção de outros dados e informações, a realização de análises, estudos e avaliações para fins de tomada de decisões, definição de estratégias de atuação, assunção de compromissos e obrigações e quaisquer outras finalidades, em qualquer tempo e sob qualquer condição. É proibida a reprodução ou utilização total ou parcial do presente sem a identificação da fonte.